



Ilustração Portuguesa

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRACA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 4\$00. — semestre 8\$00. — Ano 16\$00.
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre — 9\$50. Ano 19\$00.
ESTRANGEIRO: semestre 14\$50 — Ano 29\$00.

NUMERO AVULSO, 30 cavs.

Redação, administração e oficinas: Rua do Saeiro, 43 — LISBOA

Sapataria JANUARIO

Caracão e luxo em todos os generos pelos mais chicos modelos

MEIAS FINAS

78, R. de S.ª Justa, 80

Perfumaria
Balsemão
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

JANOTAS????? *Falem economicos!!! Como desfrutar bem e barato!!!*
— Se na REFEITORIA JANOTA —
Onde se viram fatos e sobretudos ficando como novos, baratos e no rigor da moda
Aceitam-se fatos a feitiço
Rua do Sol ao Rato, 215
Festa a S. MADEIRA
Electrico da Estrela (A porta)

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Fedir preços, orçamentos a

C. STFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

O passaaõ, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-
mante e fisionomista da Europa

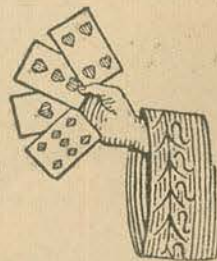
Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quironancias, cronologia e fiziologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruce, d'Arpentigny, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da ma-



nhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lis-
boa. Consultas a 5000, 10000 e 15000.

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIENT-



Tudo esol rece no
passado e presente e
prediz o futuro.

O rinho a todos os
meus clientes. Com-
plicita a ver cidade na
con ul a ou reembolso
do dinheiro.

com ul a todos os
d as utels das 12 as 22
horas e por correspon-
dencia. Envi: r 10 co-
lavoys p ra resista.

Ca. cada ca Patriar-
cal, n.º 2, 1.ª Esq. (Cru-
zo da rua d'Alegria,
1.º andar, 1.º andar).

Vér, quarta-feira, o

Suplemento de NOVAS & BORDADOS DO "SECULO"

Preço: 20 centavo

DOENTES

A Moderna Terapènti a Magnètica e Psiquica

Com o auxilio dos meus F.S.COS E REGIEMEN
NATURAIS, especificados para cada caso e devida-
mente individualisados, constituem

O tratamento mais racional e eficaz

PARA CURAR qualquer doença orgânica, nervosa
e mental por grave e antiga que seja; assim o tenho
afirmado na minha longa pratica no estrangeiro e
aqui pelas importantes curas que tenho realisado.

Os que estã cansados de sofrer não dev m, pois,
hesitar a submeter-se aos meus especiais tratamentos

Psicofisico-magnèticos e dietèticos

De cujos favoraveis resultados me respnsabilizo.

P. Indivèrli Colucci

1. C. JOAO GONCALVES, 20, 2.ª Esq. — Esquina
da S.ª Amtrante tel: (ao Intendente)

O melhor reconstituente para
adultos e creanças é a

Calcina Triplíce

Os lymphaticos devem
preferir a Calcina
com Iodo; os anemi-
cos, a Calcina com
Ferro; os astheniados,
a Calcina com ar-
rhenol.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 811

Lisboa, 3 de Setembro de 1921

30 centavos



MISS DOROTHY LEARY

Que posou para *A Thais*, quadro evocador, numa festa de caridade em New York. É uma linda mulher miss Dorothy Leary

CAPA.— Uma enfermeira militar do C. E. P.— M. RANGEL.

«Cliché» GARCEZ.

Cronica da Semana

FEZ-NOS bem o lér as afirmações do illustre escritor, Sr. Dr. Julio Dantas, na sua interpelação ao Sr. ministro da Instrução, e ácerca do ensino publico; vê-se que aquele parlamentar tem idéas firmes, claras e de aproveitar, sobre o assunto, de onde a esperança de que o estado miserando em que se encontram os professores e quem dêles carece, venha a terminar em praso mais ou menos breve.

O orador declarou que não teve tempo, durante a sua passagem pelo ministerio, para pôr em pratica os seus planos, visto que só durante vinte dias foi ministro; façamos votos para que ali se demore quando novamente sobraçar a mesma pasta — isso, sem duvida, acontecerá — principalmente porque o ensino primario lhe merece especial atenção e ele é, na verdade, a base de toda a educação do paiz.

Se o organisarem devidamente, o problema da instrução publica ficará quasi resolvido — e não se julgue que para tal se conseguir seja necessario complicar os programas, e obrigar as crianças a baralhar numerosos conhecimentos; tambem o Sr. Dr. Julio Dantas encarou essa face da questão, manifestando-se a favor da simplicidade, a qual, pela nossa parte, de-ajaríamos que, no 1.º grau, fosse maxima.

Ler e escrever, eis o que é indispensavel a todo o cidadão, sem o que será uma unidade social de fraquissimo valor, muitas vezes negativo; alguns dos males presentes não tem outra causa senão a ignorancia, dantes hipocritamente apregoada como necessaria, mas repugnante e indesculpavel numa epoca e numa terra que não precisa de ser de cegos, porque não quer soberanos, ainda que tenham um olho só.

O debatido caso do livrete, imposto pelo Sr. governador civil ás criadas, está liquidado, ao que parece, com honra para ambas as partes. Já fizemos saber que ele pecava por um vicio de origem, qual foi a denominação official de papeleta; procurou a autoridade emendar a mão, crismando-a em „bilhete de identidade“ mas tarde, porem, porque as interessadas descobriram-lhe facilmente os intentos e a relutancia manifestou-se teimosa, como da primitiva, cedendo á imposição apenas uma parte pouco importante, como quantidade e como qualidade. O maior nu-

mero de serviçais e as menos tímidas conservaram-se intrépidas nas intransigencias e destas houve duas que tomaram a peito o provar praticamente a inutilidade da medida, roubando os patrões e abandonando, por escarneo, sôbre uma secretária, a respetiva garantia official, de respeitabilidade.

Eram duas ovelhas ranhosas, evidentemente, que as ha, nos rebanhos ainda os mais limpos; não as condenem, porém, porque foram elas que aduziram o argumento decisivo contra a medida policial. O que faz o ladrão é a ocasião e não a falta de livrete.

HA quem descreia da bravura do nosso povo, lá porque meia duzia de bernardas, pomposamente chamadas „revoluções“, tem perturbado o país depois do advento da Republica. Pois sempre gostaríamos que os pessimistas assistissem, como nós assistimos, á scena que vamos tentar descrever...

Entre os rapazes de dois logarejos, confins do distrito de Santarem, existe uma rivalidade, cuja causa não vem para aqui, escolhendo todos para local de contenda a sêde da freguesia, onde se encontram ao domingo. Ha quinze dias, um dos grupos, com seus varapaus, esperava, provocador, o grupo contrario; este, de subito, aparece-lhe, armado com caçadeiras, que apontava, ameaçador. Os visados correm em debandada e os das espingardas perseguem-os ferozes, quando duma vereda intervem o regedor, rapaz de vinte e tantos anos, e intima-os a que lhe entreguem as armas, sendo immediatamente obedecido: convencidos por palavras, que foram sómente de suave repreensão, os enraivecidos de ha pouco reconheceram o desvario e submeteram-se.

Para honra da povoação e gloria do regedor, que bem merece uma recompensa da Republica, revelamos que o episodio se deu em Olival, concelho de Vila Nova de Ourem e que o benemerito se chama Antonio Pereira de Oliveira

EXISTE o perigo alemão? E' possivel e convém que estejamos precavidos. Quanto a ser a infiltração comercial um dos meios de que a Alemanha se serve para nos conquistar, segundo a opinião dos nossos aliados na grande guerra, podem estes evita-la, querendo: a boa dona de casa prefere sempre a loja onde lhe vendam os generos mais baratos.



Acacio de Paiva



AS MARAVILHAS DO TEATRO DE CORDEL

AS PEÇAS POPULARES DO SECULO XVII E XVIII

N'ESSA tortuosa Lisboa antiga de que só hoje temos uma ideia pelos estados dos eruditos, e uma baça imagem por algumas ruas dos bairros da Mouraria e Alfama, os cegos é que vendiam os livros populares, percursores do «Almanaque do Borda d'Agua» e das «Historias de Cacasseno» e do «Menino da Mata e do seu cão piloto». Eram por isso chamados cegos papelistas e uma das suas maiores fontes de receita eram as «Comedias», chamadas comedias de cordel. O nome é curioso e encontra-se justificado em dois versos de Nicolau Tolentino. Eram as «Comedias e os famosos «Entremezes»

« Que no Arsenal ao vago ca-ninhante
Se vendom a cavallo n'um barbante.»

NOVA, E PEQUENA PEÇA INTITULADA AS DESORDENS DOS TAFUES. OU SETE HE PONTO.

PESSOAS.

Silvio.
D. Paula Cavalleiro Tosul.
Norberto homem de idade.
Hum Cadete.
Hum Pecto.
Monsr. Forfen Patraõ de
hum Casa de Jogo.
D. Luclia mulher de Silvio., e mais pessoas que figurão na Casa do Jogo.
Hum Alcaide, e Ronda.



LISBOA

Na Officina de FFLIPPE DA SILVA E AZEVEDO, Anno de 1788.

Comedias, farças e entremezes que se representavam nos Teatros do Bairro Alto e do Salitre, quando não irradiavam por toda essa Provincia e iam divertir os povos ignaros com a desculpa da religião.

As «Comedias» que se representavam em Lisboa ou eram comedias traduzidas do castelhano e do italiano, comedias com os nomes mais exquisitos e mais curiosos, como «A Bulha do Marido com a mulher, por cantar a ratazana»; «O damno da mulher apetitosa, e o rigor do homem paciente»; «A farofia malograda, das damas sem vintem»; «Astucias de Zangui-zarra», ou «As grandes

magicas e astucias de Joana Rabicortona», comedias sem graça, inverosimis, disparatadas. Na

AUTODESANTO ALEYXO

OBRA NOVAMENTE FEITA DA
vida do Bemaventurado Santo Aleyxo, filho de Eu-
semiano, Senador de Roma

Feito por Baltezar Diaz.

Em Lisboa. Na Officina de Bernardo da Cos-
ta. Anno de 1718.

AUTO DO DIA DO IVIZO

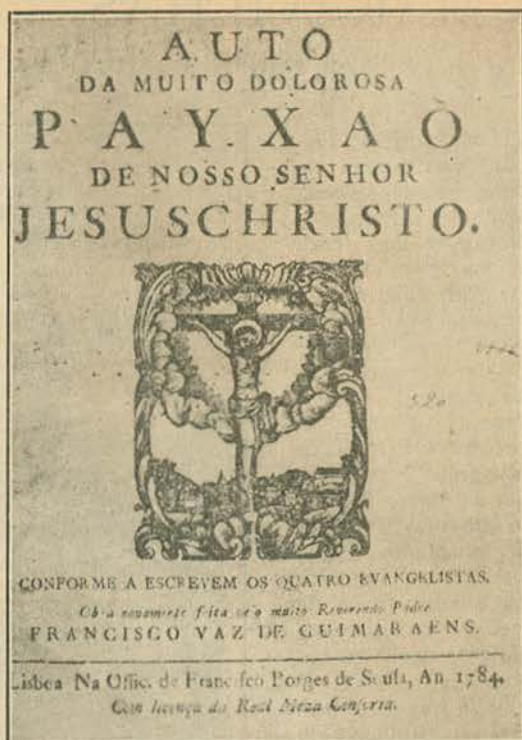
Em o qual se contem as Fezras do Santos, e Libros

S. Joao	Carlos	Alcaide
Cofre	Luclia	D. Paulo
R. Sombra	Luclia	Hum Cadete
Hum Cadete	Luclia	Hum Pecto
S. Paulo	Luclia	Hum Alcaide
Hum Pecto	Luclia	Hum Alcaide

Em Lisboa. Na Officina de Bernardo da Costa, anno 1718.



Um precioso auto do século XVI, numa das suas mais curiosas edições



As boas obras teem edições sucessivas. Es'a deve ser a nona do auto antecedente

provincia predominava o «Auto» e alguns por tal forma se arreigaram na alma simples das gentes, que ainda hoje se representam, como o «Auto da Paixão de Cristo», que a Antero de Figueiredo deu uma das suas belas paginas.

Este teatro foi o teatro de nossos avós. Ingenuo, primitivo, simples, critica de costumes era tambem com o «Serão», o grande divertimento do lisboeta. Ele para lá ia á luz das velas ou dos candieiros de azeite, com a sua casaca e os seus punhos de renda, os seus sapatos de fivela e as suas barrigas das pernas angulosas, aplaudir, patear ou namorar a sêcia dos seus encantos.

Depois, luzes apagadas, ele aí vinha ás apalpadelas, tateando, furtando-se aos maus encontros até casa, farto de prazer, que não era difficil de contentar.



O frontespicio de uma conhecida peça de «O Judeu», o popular Antonio José da Silva, que a Inquisição queimou, edição desconhecida a todos os bibliografos

Damos hoje algumas das comédias desse tempo, verdadeiras raridades. Ingenuo teatro, cheio de evocação e de ternura.

Nicolau Luiz era o seu grande homem. Ele traduzia as peças, fazendo-as quando não havia quem as escrevesse. E Lisboa, nos seus grandes momentos, desferrava-se dos varios pesadelos de pestes, terremotos, guerras e naufragios. Fazia uma procissão, armava palanques para cavalladas ou corridas de touros, ou ia ao Pateo do Conde de Soure, ao Salitre ou á Mouraria ver as tramoias do «Capitão Belizario», ou a farçolisima indromina do «Manuel Mendes». Metastasio e Goldoni, eram os grandes autores do estrangeiro e quasi todas as suas melhores comédias foram vistas pelos alfacinhas.



“O PANDEGA CLUB”

(CARTA A UMA SENHORA QUE SE APOQUENTA PORQUE O MARIDO LHE ENTRA EM CASA ÀS SEIS HORAS DA MANHÃ)

MINHA SENHORA :

MENXUGUE essas lágrimas que lhe andam bailando nos olhos, diminua um pouco a luz do candieiro para dar mais ambiente á conversa e oiça a verdade, a verdade nua e simples acerca d'esses *malditos clubs* que seu marido frequenta.

O «*Pandega-Club*» que V. Ex.^a julga um antro de depravação, é apenas isto: Um banal restaurante de luxo barato, onde todos se aborrecem com maior ou menor naturalidade. Não acredita? Pois eu lhe conto.

O «*Pandega-Club*» é aquele casarão de janelas grandes que já foi morada de fidalgo ou armazem de moveis, casa de saude ou collegio de meninos e que V. Ex.^a conhece de lh'o apontarem. A' porta estão dois porteiros fardados, com muitos amarelos no bonét e que só cumprimentam á saída e, a seguir, o bengaleiro onde se deixam os chapéus a troco d'uma chapinha esmaltada, com um numero a negro. Segue depois um corredor ou uma escada, conforme o aproveitamento da casa e ali temos um café onde se cortam barbas e se engraxam bótas, e mais adiante, um pequeno quarto pomposamente alcunhado de «*toilette*» e onde as senhoras deixam os chapéus á guarda de uma velhota de avental branco, que tambem vende malinhas de seda, pulseiras de massa, caixas de chocolate e outras bugigangas proprias para perdulários.

Entra-se depois na sala de baile, que tambem serve de restaurante. Nas paredes algumas lampas electricas e espelhos esguios, aos cantos palmeiras metidas em vasos. Ao centro da sala ha um retângulo encerado onde

se dança e em volta, pequenas mezas quadradas, cobertas com uma toalha branca e com um solitario no meio. Sentamo-nos.

Os creados já nos conhecem. Se somos freguezes vezeiros em ceias lautas e acessiveis a um engano na soma das contas, vem logo um, delicadamente, a indagar do apetite. Se somos dos outros, dos que escorropicham o copo da cerveja até á ultima gota para fazer render, só meia hora depois é que aparece um, a quem é preciso pedir a bebida sete ou oito vezes, com perigo de levar uma resposta torta.

Ao fundo, sobre um estrado, estão os musicos, de casacos vermelhos. No «*Pandega-Club*» os musicos são os unicos que se divertem. Cantam de falsete, gritam *olé* e o homem do rabeção faz habilidades ruídasas.

Nas mezas aparecem as caras mais variadas. Lá vemos o caixeiro que hontem nos vendeu um colarinho marca «*Sport*», o alferes del gadinho, o lavrador ricaço e o menino familiar, de gravata em arco e cabelo luzidio puxado atraz, com a cigarreira de prata a aparecer no bolso superior do casaco e chupando um cigarro por uma enorme boquilha amarela. Entre estes ultimos é que se recrutam os *pandegos*-efectivos, os bohemios de profissão. Alguns tiram cartel de dançarinos e fazem toda a sorte de barbaridades coreograficas com uma mulher agarrada. São sempre *muito finos*, na expressão de alguns espectadores, inventam reviravoltas, tem um compendio completo para lá de-las de calca hares, e, no *tango*, fazem cada contorsão lombar, que a gente pasma de tanta ginastica. A um canto ha sempre um velhote já careca, que em tempos foi rico e que agora finge sel-o. Compra



bombons ás damas e oferece-lhes, por vezes, maços de cigarros.

Vamos agora ao elemento feminino. E' variado, como vae notar. Lá temos a divorciada que, á menor palavra de aproximação, nos descreve a historia d'um casamento forçado e a tragedia d'uma filha entregue aos cuidados da avó; a ex-creada de servir, de pés grandes e pescoço vermelho, chapéu em constante desacordo com a cabeça, mangas curtas a mostrar as saliências osseas dos cotovelos escuros, corpo alentado e chambão, carregada de anéis em todos os dedos. Ha tambem a ex-costureira de coletes, dando-se ares de pessoa illustre, dizendo sempre que não foi creada para aquele meio e, finalmente, a «papillon», oriunda de um corpo coral de qualquer teatro de revista, muito empennada, com bizarrices de vestuario e com a monomania do gosto original, de anel de brilhantes no dedo indicador, «blasé de tout», olhando de alto a fingir que é superior.

Todas estas mulheres são inofensivas á reputação de um e poso. Quasi todas, quando se lhes dirige a palavra, ou dizem asneira ou coisa equivalente. Gastam a

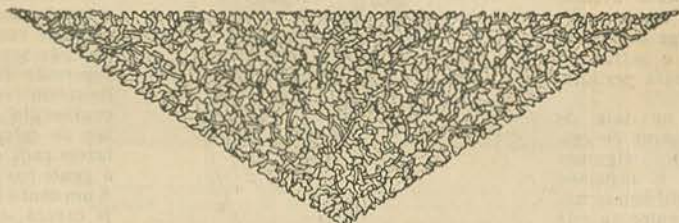
noite a dançar, a beber as cervejas que lhes pagam (a cerveja é a bebida mais barata no «Pandega-Club») e só uma ou outra se salienta da massa, indo tocar os ferrinhos do sexteto ou saracotando mais as ancas no rebolar do maxixe, mas tudo tão desajeitado, tão conhestro que, acredite minha senhora, não ha o menor perigo de corrupção marital.

— Mas então (perguntará V. Ex.^a) que faz meu marido nesse meio?

Aborrece-se, nada mais. Tira a furto um cigarro para que os *grooms* não apareçam aos cardumes, de fosforo aceso á caça do tostão da ordem, bebe a cerveja, está (como todos) sempre á espera que aquilo comece, ouve as mulheres dizerem para os americanos: *come cut sleep* — e ás tantas, momentaneamente convencido que aquilo é muito estúpido, vai ao vestiario buscar o chapéu, dá uma gorgeta ao empregado que só diz obrigado de cinco tostões para cima, mete as mãos nos bolsos, a sobria, se tem geito para isso e volta para casa. Olhe, aí o tem a bater á porta. Apague o candieiro que já é dia.

HENRIQUE ROLDÃO

(Ilustrações de Jorge Barradas)





femeninas



Oh! as pequeninas cousas, esses encantadores nadas de que os espiritos fortes desdenham, mas a que nenhuma mulher «coquette» consegue ser indiferente!... E' que ela, a artista por instinto, sabe que o exito da sua «toilette» reside principalmente no segredo da combinação dessas futilidades creadas pela fantasia da eterna inconstante moda...

Em questão d'elegancia a mulher distinta não se ilude, sabe bem que este encantador pente de tartaruga clara em que ondulam tres graciosas e minusculas cabeças de plumas, faz realçar um penteado; não desconhece tambem a influencia que a elegancia da sombrinha exerce no conjunto da «toilette» e que a luz coada pela seda rosa anima deliciosa-

mente um rosto lindo, e assim acolhe com entusiasmo o modelo representado na gravura, que um artista compoz em «taffetas» rosa, tiras de setim e franjas pretas.

Tambem não é segredo para ela, que um cinto elegante em veludo preto e rosas de seda cõr de rosa, imprime na «toilette» mais simples uma nota de supremo chic...

Mas nem só os detalhes da «toilette» propria a interessam.

O sacco de trabalho em que poisam, por vezes, os olhares dos seus admiradores, buscando n'essa contemplação distraída, um instante de treguas para as fulgurações perturbantes das suas pupilas de veludo, tambem deve ser cuidado a capricho...



UMA ACTRIZ PORTUGUESA QUE SABE "POSAR"

A TANAGRA

A DANÇA ————— O TEATRO



A TANAGRA, RETRATO NATURAL



A TANAGRA É ACTRIZ PORTUGUESA E ESTÁ NO PORTO ATUAL-
MENTE. TEM BELAS POSES E EXCELENTE FOTOGRAFIA E
MOSTRA HOJE QUE TAMBÉM A «ILUSTRAÇÃO PORTUGUE-
ZA» PODERIA PUBLICAR BELOS DOCUMENTOS SE AS
NOSSAS ACTRIZES AMASSEM MAIS A SUA ARTE



A TANAGRA



MISS JUDITH VOSSELLI

De quem recentemente se anunciou o casamento.
Actriz emilense, que é quasi um idolo de todas as Américas



ELSIE RANDOLPH

excelente actriz, de Londres, que à «Ilustração Portuguesa»
entregou o seu retrato



PACTO DE AMOR



Por
MARIA GUILHERMINA
RIO CARVALHO

ELA vendia flôres. Ele apre-
goava cautelas, numa voz
fresca e agarotada que os
vinte anos lhe emprestavam. Fôra
assim que se conheceram.

Uma tarde, deitadas as contas aos ganhos do dia, lembrára-se ela de tentar a sorte, ouvindo-o gritar: — Cá está o 3261, comprem esta cautelinha, que o numero é de palpíte!

Chamára-o, revirava entre os dedos a pequena cautela — como a querer adivinhar se a fortuna teria carinho para ela — e por fim decidida, dobrou-a com cuidado, dizendo a rir:

— Se a sorte me bafejasse...

Ele tivera tempo de a mirar de alto a baixo, e achara-a bonita a valer, no seu vestido de chita vermelha um pouco desbotada já, e num riso franco que lhe pôs a descoberto os dentes brancos, retorquiu-lhe: — vá lá! Para começar não quero dinheiro pela cautela. Troco-a por essa rosa, mas há-de ser posta por si, aqui na minha blusa de ganga sobre o coração

Ela não se fez rogada. Tirou do cinto um alfinete, pregou-o na flôr, e enquanto lh'a pregava na blusa, cravou os olhos nos dêle. E por tão esquecidos af ficarem... picou-se, e uma gôta de sangue veio tingir-lhe os dedos fazendo-a murmurar: «Que desastrada sou! Lá me piquei.»

Ele agarrou-lhe a mão, apertou o rasgãozinho feito pelo malicioso alfinete que tão maldosamente a furtára ao seu enlevo, e depois — sem cerimonia — applicou-lhe os lábios gróssos, sorvendo a pequena gôta de sangue, enquanto ela fechava os olhos... Talvez para não vêr corrêr êsse sangue tão rico de côr, que até vinha afoquear-lhe o rosto, confundindo-o com o vermelho do vestido, e com a côr do poente, que o sol na sua agonia lenta ia ensanguentando. Entretanto o moço, inebriado também pela côr rubra dêsse sangue tão fresco no seu calor, balbuciou, a querer ameigar a voz:

— «Se quisesse... O meu quarto chegava para os dois.»

Ela hesitou. Ir assim com um rapaz que não conhecia! Mas uma tia velha que a criára de pequena morrera há muito, não tinha nin-

guê, para que ter escrupulos? Demais era fatal, mais dia menos dia, aquilo tinha de suceder. Os seus dezoito anos tinham a experiencia da rua onde canta e ri a tentação; e essa experiencia fazia-lhe pensar, que talvez valesse mais seguir o rasto luminoso do estranho olhar que a prendia, do que vender-se amanhã ao primeiro que a apettesse.

Não sabia nada dêle, êle nada sabia dela, podia ser um amor sem dia seguinte, mas não opôs resistencia, quando sentiu o braço dêle enfiar-se no seu obrigando-a a caminhar, enquanto do cêsto meio tombado sob o outro braço, iam caindo os restos das flôres, pétalas e fôlhas, migalhas de frescura, de exuberancia, de amor.

.....
Passou-se tempo. Um rapaz e uma pequena — gémeos — o seu casal de pombos como ela lhe chamava, punham o quarto em alvoroço, remechendo tudo, atordoando os ares com os seus clamôres, e a mãe enfeitava-se nos olhitos verdes da pequenita — olhos estranhos como os do Pai, buscando repouso nos olhos escuros do garoto, profundamente meigos como os seus. E quando o seu homem vinha á noite, era um banquete de beijos, um nunca acabar de perguntas. Se na fabrica continuavam contentes com êle, se lhe aumentariam a fêria. Os tempos iam tão maus! Ainda se ela o pudesse

ajudar; mas por causa dos garôtos; se fôsse um só, mas dois, ninguém queria ficar com êles. E daí nasciam as queixas. Que lhe tinham ensaboado o juizo. Titina então estava um vivo demonio, ainda mais ladina que Fifi. Era preciso não lhe dar tanto mimo... Mas já os dois cavalgando os joelhos do Pai, gritavam na sua vozita esganicada:

— Anda burrico! Anda depressa!

E os dois embasbacavam, na contemplação dos diabretes.

Tudo corria pelo melhor, mas como tudo cansa neste mundo, começou ele a aborrecer-se de se ver encerrado na fabrica dias inteiros. Tinha saudades do tempo em que palmilhava ruas e ruas, enchendo-as com o seu



pregão alegre. Então para o tempo lhe parecer mais curto, vá de fazer namoro a uma rapariga de côr sádia e penteado caprichoso, que lhe dava sorte, e ao largar do trabalho, ficava horas esquecidas a derriçar, quando a não levava ao animatografo, esquecendo a companheira e os garôtos, que quando ele entrava noite alta já dormiam a bom dormir.

Uma semana veio a fêria dizimada. Desculpou-se com humildade. Tinha sido por causa de uma subscrição para um companheiro que se aleijára no trabalho; e ele não tivera mais remedio que conformar-se, dizendo mal á sua vida. Empenhou os sapatos melhores e lá se aguentou, mas na semana seguinte o rombo foi maior.

Apareceram as primeiras duvidas, e com elas os primeiros ralhos.

Ele enfadara-se e saíra porta fóra, e a pobre aí ficava, sempre á espreita que apparecesse, e pronta a tudo perdoar.

Passou-se um dia, dois, tres e nada. As crianças queriam pão, e como já não tinham dinheiro, começaram a comer fiado.

No sabado—dia de fêria—fôra esperá-lo á saída da fábrica, e julgára morrer, ao vê-lo de braço dado com a outra, uma mocetona de olhar atrevido que lhe rira nas bochechas, quando ela atravessando-se-lhe na frente e mostrando-lhe os filhos, lhe gritava que deixasse o seu homem, que não fizesse a desgraça das crianças.

Ele, ainda hesitara, mas a outra agarrando-se-lhe com mais força ao braço chamava-lhe piégas, e tinham-se sumido rua abaixo, enquanto ela voltava para casa arrepelando-se de dôr e maldizendo a sorte. Toda a noite chorou, e os pequenos espertinados faziam ta' alarido, que a hospedeira veio adverti-la, de que se não se aquietassem os mandaria sair, demais estando já atrasada no pagamento.

O receio de se ver sem abrigo, atirou com

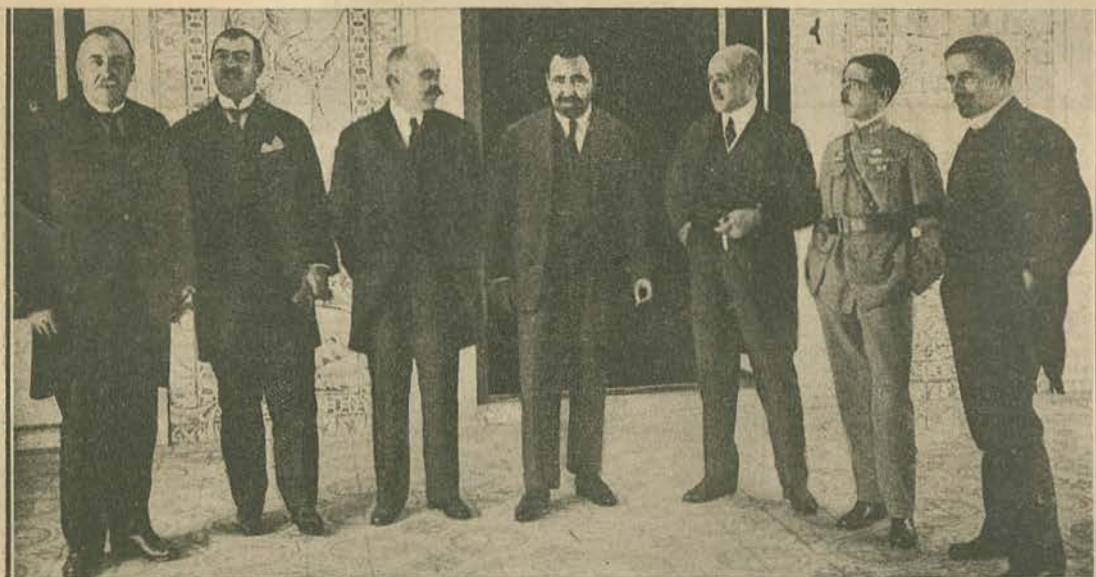
esse pobre corpo para cima do leito, e enquanto os miúdos lhe marinhavam por cima como gatos pequenos, o sono achando ser ocasião de in'ervir, trouxe-lhe o esquecimento, e o sonho, a enganosa doçura de uma ilusão.

No dia seguinte contratou com uma vizinha ficar-lhe com os filhos, e voltou á vida antiga. Encheu o cabaz de flôres, apregoou-as, meteu-as á cara dos que passavam na ansia de as acabar, e quando á noite voltou para casa vinha quasi contente. Mas feitas as contas com a mulher que lhe ficara com as crianças e que quiz aproveitar-se da ocasião, nem para pão lhe ficava. Passou a fazer a venda de noite.

Adormecia os pequenos, e ia postar-se ás portas dos teatros ou dos cafés, e tirava algum lucro, quando lhe não faziam propostas grosseiras, que a faziam vir a correr procurar refugio ao pé dos filhos. Ao aconchegá-los, quasi se arrependia de ter recusado. Se não se deixasse dominar pelo escrúpulo de uma fidelidade que ele fôra o primeiro a renegar, nunca mais lhe faltaria dinheiro. Veria os filhos gôrdos, córados, bem resguardados do frio, desse frio que lhe regelava o coração dolorido, nas intermitencias de uma febre que lhe punha o cérebro em fogo.

A miseria foi apertando o torniquete, as crianças choravam com fome, delinhavam. Então para as não ver morrer... depois de vendidas as flores vendia os beijos, e enquanto o coração nauseado chorava, os lábios riam para agradar... para poder levar aos filhos regalos e conforto.

Nunca mais passaram necessidades! Mas nas noites em que o sono não respondia ao seu apê'o desesperado, nessas noites de vigilia, alta noite, quando os galos como atentas sentinelas gritavam o seu alerta pressentindo a madrugada, ela scismava ainda nessa tarde tão distante, em que uma gôta do seu sangue firmára um pacto de amor... (Inédito)



O NOVO MINISTERIO. — Srs. Ginstal Machado (Instrução); Melo Barreto (estrangeiros); Fernandes Costa (comercio e agr.cultura); Antonio Granjo (presidencia e interior); Vicente Ferrelra (finanças); Freitas Soares (guerra); Paes Gomes (marinha)

FIGURAS & FACTOS

OS QUE CHEGAM E OS QUE PARTEM

DIPLOMATAS, JORNALISTAS E POVEIROS



1. O sr. dr. Rodrigues Alves, filho do ex-presidente da República do Brasil, Rodrigues Alves, que a bordo do «Andes» passou no Tejo, visitando a nossa capital



2. O sr. dr. Cincinato Braga e o sr. dr. Eduardo Fernandes, delegados brasileiros à sociedade das Nações, que passaram no Tejo, a bordo do «Arianza»



3. A partida do jornalista sr. dr. Hermano Neves, (x) para Loanda



4. Os pescadores poveiros que partiram para Moçambique no «Mormugão», por não terem querido nacionalisar-se brasileiros, vão, naquela nossa colónia, continuar a sua rude labuta com o oceano, mas continuando portugueses.



D'um chapéu elegante depende o éxito d'uma «toilette». É assim se comprende o cuidado que esse gracioso compimento de «toilette» feminina merece á mulher dos nossos dias, que segue á risca as leis «da moda».

Os cinco modelos que publicamos são, em verdade, de molde a satisfazer as elegantes mais exigentes.

O primeiro, em «georgette» branca, tem a imprimir-lhe uma nota garrida e alegre a grinalda de flores de veludo branco, com o centro em veludo vermelho, que corre ao longo da aba estreita e ligeiramente virada.

O segundo, é uma elegantíssima «capeline» em «organdi mauve», bordada á mão, em genero inglês, e armada n'um «drapé» artístico.

O terceiro, mais «habillé», é em «tule gris», ornamentado com duas lindas plumas d'avestruz.

O quarto, é em «organdi» rosa coral, com grandes rosas dispersas pela aba, pintadas a oleo.

O quinto, representa uma graciosa «toque» de «taffetas» azul «Nattier», ornamentado com uma grinalda de flores e frutos de fantasia, na mesma côr.

E aqui teem as leitoras uma coleção de modelos admiráveis.

Mas além d'estes ha ainda a estudar os chapéus proprios para «sport», que, como é logico, nunca poderão ser ornamentados com a mesma elegancia. Fosse uma senhora jogar o «tennis», o «golf» ou qualquer dos jogos hoje tanto em voga e que tanto entusiasmo tem despertado na mocidade dos nossos dias, com um chapéu ornamentado com plumas, com laços ou com flores!...

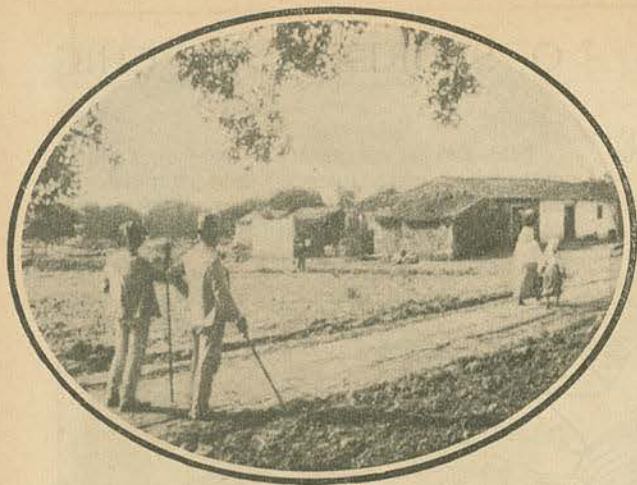
Este ano as elegantes cultoras do «sport» apresentam uns interessantes chapéus de setim «ciré» branco ou preto, inteiramente bordados com pequenos nós dispostos ao acaso pelo modelo, que se executam em lã



verde, rosa, «beige», azul ou qualquer tom contrastando com o do fundo.

A forma desprezenciosa e flexivel d'estes chapéus é muito elegante e pratica.

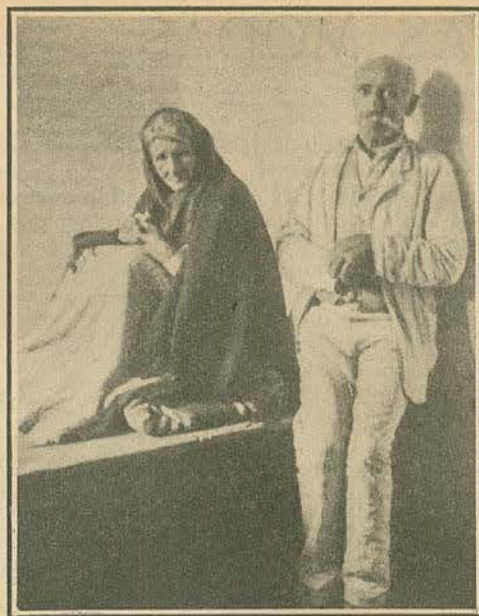




O casal do Balseiro, em Ribeira de Cima

O CRIME DA RIBEIRA DE CIMA

QUATRO ANOS DE SEQUESTRO E CORRENTES



Maria da Concelção e seu marido José Balcelro o sequestrador.



Joaquina da Concelção, a sequestrada, seu filho Manuel Lopes e a sobrinha da vítima, Virginia dos Santos Azinheiras



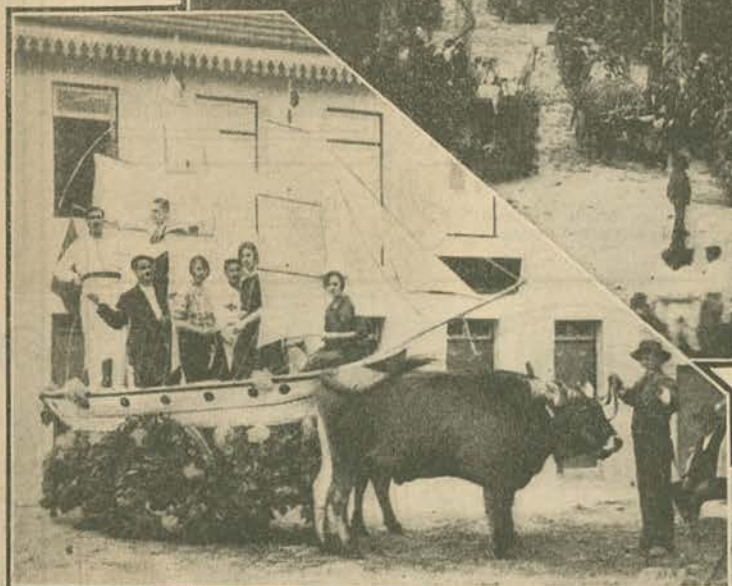
O local onde Joaquina da Concelção esteve sequestrada

Crime que tem dado brado, este de Santarem, pelo que tem de invulgar. Uma creatura viveu quatro anos isolada, com pés e mãos presas por correntes. A justiça investiga sobre o crime, que tem despertado a maior curiosidade.



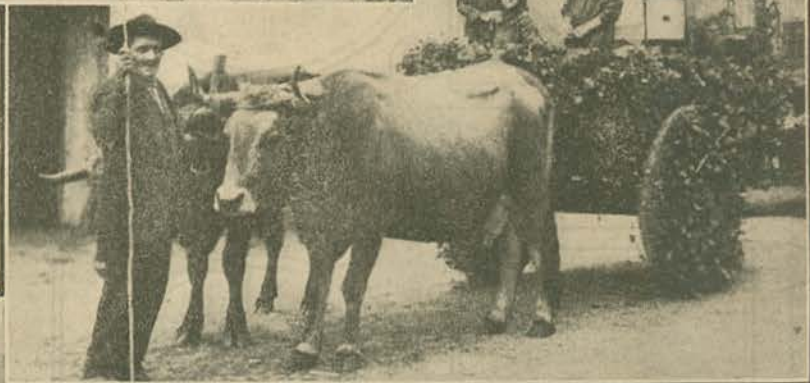
O tornozelo e pulso da sequestrada mostra ndo os signaes das anilhas, com que Joaquina da Concelção es eve presa.





UMA BATALHA DE FLORES EM
VILA NOVA DE TAZEM

1. Um belo trecho da avenida Dr. Joaquim Borges e os carros que tomaram parte no corso. — 2. O carro «S. Pedro», das famílias Sousa Leitão, A. Borges e A. d'Oliveira, x correspondente do «Seculo» e principal organizador da batalha de flores — 3. O carro «Colmeia moved», do Sr. Dr. Alfredo Pires.



A FEIRA DA MURTOSA

Um aspecto da multidão que concorre á feira da Murtosa uma das freguezias mais laboriosas do districto d'Aveiro. Para acompanhar a expansão do commercio local, a junta da fregueia adquiriu um terreno de superficie superior á do «adro Velho», onde se realisa a feira, para levar a effecto o desenvolvimento do mercado.



OS NOVOS DEPUTADOS



Albino Pinto da Fonseca
«democrático» — Porto



José Maria Cardoso
«liberal» — Braga



João Carlos de Noronha
«reconstituente» — Mon-
corvo



José Maria Braga da Cruz
«católico» — Braga



José Ribeiro de Car-
valho — socialista»



Ferreira de Matos — libe-
ral» — Castelo Branco



J. Vilhena — «democrático»
Aljustrel



António Maria Pe-
reira Junior — libe-
ral» — Santo Tirso



António Francisco Portas
«liberal» — Braga